vividas por eles e sua integração em contextos mais globais não significa "o fim dessas sociedades, mas antes demonstra a grande vastidão presente no âmago de suas existências" (:24) [no original: "the end of these societies but rather demonstrate the very openness at the core of their existence").

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p471>

PRICE, Richard. 2013. *Fesiten. La Roque-d'Anthéron: Vents d'Ailleurs. 252pp.*

Rogério Brittes W. Pires

Doutor em antropologia pelo PPGAS/MN/UFRJ

Uma tradução nem sempre acompanha um projeto político e epistemológico. Boa parte das versões em novas línguas visa tão somente ampliar o escopo de leitores, não necessariamente gerando efeitos retroativos sobre a obra inicial. Não é o caso de *Fesiten*, de Richard Price. Ao verter seu *First-time* para a língua dos saamaka do Suriname, povo acerca do qual trata, o autor dá continuidade a um projeto de experimentação etnográfica iniciado há mais de 30 anos.

First-time é hoje considerado um clássico contemporâneo da antropologia pós-moderna e dos estudos afro-americanos pela maneira inovadora com que tratou as narrativas históricas saamaka. Colocando-as lado a lado com fontes documentais e comentários do autor, criou um diálogo polifônico acerca dos momentos fundadores desta sociedade *maroon* (quilombola), sobre memória, oralidade, ancestralidade, escravidão, guerra e etnogênese. Trabalho primoroso, rico em detalhes, fruto de intenso esforço de pesquisa com história documental e oral.

Desde o lançamento do livro em 1983, Price experimenta com a narrativa etno-

gráfica, fugindo dos modelos da chamada etnografia modernista. Dentre suas publicações estão *Alabi's world* (1990), continuação de *First-time* que trata da história saamaka entre 1765 e 1813, acrescentando à polifonia do livro anterior vozes de missionários moravianos alemães. Em *Two evenings in Saramaka* (1991, com Sally Price) reproduz *ipsis literis* e comenta gravações de duas vigílias funerárias em 1968, durante as quais o foco são os relatos míticos (*kontu*). *Equatoria* (1992, com Sally Price), inspirado em Michel Lieris, acompanha de perto os diários de campo de uma expedição feita pelo casal em 1990 pela Guiana Francesa, coletando objetos de arte maroon para um museu antropológico regional então em construção. *The roots of the roots* (2003, com Sally Price) retoma a questão dos diários de campo, lendo com atenção documentos de Melville Herskovits relativos às suas expedições ao Alto Suriname na década de 1920. *Travels with Tooy* (2008), de narrativa não linear, apresenta anos de diálogos com seu informante privilegiado, Tooy, um *obiama* (especialista nas artes mágicas) que lhe ensina história, linguagens esotéricas, espíritos e muitos outros temas. Recentemente, em *Rain-forest warriors* (2011), o autor faz uma espécie de etnografia de sua participação como perito num julgamento acerca de questões fundiárias, levadas à Corte Interamericana de Direitos Humanos pela VSG (Associação de Líderes Saamaka) contra o governo surinamês.

A obra de Price propõe diálogos entre formas narrativas saamaka (históricas, míticas, artísticas, sobrenaturais, políticas) e dispositivos do fazer antropológico (diários, gravações, etnografias, conversas, coleções, arquivos, laudos), instigando questões fecundas acerca do povo que estuda, das populações afro-americanas e afro-caribenhas, e acerca do *métier* do antropólogo. Dentre seus experimentos

estão novas formas de organizar páginas, notas, tipografia, argumentos teóricos e citações de fontes nativas, bibliográficas e arquivísticas.

Fesiten prolonga o experimentalismo, gerando novos efeitos sobre a escrita antropológica, uma vez que ela é vertida para o idioma nativo (em uma nova e prática ortografia elaborada por Vinije Haabo). O público-alvo não são os poucos antropólogos e linguistas que dominam o *saamakatonho* – ainda que se trate de um documento valioso para nós. A tradução, encomendada pela VSG, tem como objetivo disponibilizar a obra para um maior número de saamaka interessados. Quais seriam, então, os efeitos para os saamaka de terem agora a possibilidade de ler em sua própria língua uma obra antropológica que trata de eventos cruciais de seu passado?

Diversos saamaka já leram *First-time* em inglês ou francês, mas a grande maioria não domina tais línguas. Porém, *saamakatonho* é uma língua oral, não estandardizada, os saamaka alfabetizados em geral têm mais facilidade de leitura e escrita no holandês, idioma ensinado nas escolas surinamesas. Por que não traduzir para o holandês? Price e aqueles que encomendaram o livro tomam uma posição política, defendendo uma valorização do idioma saamaka similar àquela empreendida pela população *creole* no século XX, que elevou o *sranan* (crioulo afro-surinamês da costa) ao *status* de língua nacional, levando à produção de literatura escrita nesta língua predominantemente oral e amiúde considerada “inferior” ao idioma da ex-metrópole. Cabe dizer que *Fesiten* é o primeiro livro publicado em saamaka que não foi escrito ou encomendado por missionários.

Porém, *First-time* não é um livro qualquer, e mais do que autoafirmação linguístico-cultural decorre da tradução. Ao virar *Fesiten*, a obra perde o subtítulo *The*

historical vision of an African American people: não é preciso, afinal, explicar ao leitor saamaka o que são esses “primeiros tempos”. Tampouco, aparentemente, explicar-lhes a relevância de sua visão histórica para uma compreensão mais ampla das populações afro-americanas. No cotejo, percebemos que explicações e generalizações foram retiradas ou reduzidas. Ideias como a de que todo o mal se origina da ação humana; de que o processo de segmentação social avança com o tempo; de que a presença de determinados personagens em certos episódios históricos são “mecanismos retóricos” por parte dos narradores. Faz sentido, já que os saamaka não parecem demonstrar particular interesse por estas questões, o autor escolheu “desantropologizar” sua obra, tornando-a atrativa aos nativos. Seria instigante, porém, ver como traduziria certas ideias para uma língua na qual o jargão acadêmico inexistente. Igualmente, lançar certos debates para os nativos: desconfio, por exemplo, que a ideia da segmentação social avançando com o tempo geraria polêmicas estimulantes. Os poucos argumentos “teóricos” que restam mudaram radicalmente de teor na tradução: alguns tornam-se mais enfáticos, outros, mais elípticos, outros, menos matizados. Eis uma questão indireta que o livro levanta, sem responder: seria possível argumentar antropológicamente em uma língua como o saamaka?

Elementos foram adicionados à nova edição. Uma versão em *saamakatonho* do tratado de paz de 1762 (:239); explicações sobre o ofício do antropólogo e o campo de Price no Alto Suriname (:27ss), sobre como ler uma obra acadêmica (:10-11); algumas referências a eventos ocorridos de 1983 para cá (:passim). Um punhado de falas coletadas na década de 2000 enriquecem certos episódios. Muitos parágrafos tiveram a ordem rearranjada e um episódio foi sensivelmente aprofun-

dado (:184-5). O fio da narrativa, porém, não se altera: a versão *da* história e *de* história apresentada é basicamente a mesma daquela de 1983.

Uma versão *da* história que, incontornavelmente, tem vieses. O grosso do trabalho de campo de Price foi junto ao clã Matyau e um número elevado de fragmentos históricos foi fornecido por Belifon Aboikoni, que em 2005 se tornou líder supremo (*gaama*) dos saamaka. Ao apresentar versões do passado alternativas às "oficiais" dos documentos holandeses, Price privilegia aquela mais "oficial" dentro do universo saamaka: a dos detentores de prerrogativas sobre os principais postos políticos tribais. Vieses são necessários, frutos da natureza do trabalho antropológico, e o autor não deixou de atentar para tais problemas, afirmando que o livro não deve ser lido "como uma Bíblia", contendo verdades absolutas (:34). Não foi intenção do autor estabelecer versões canônica e "autorizadas" do passado saamaka, mas o risco é real, dado o poder da palavra escrita. A potência da obra em reforçar certas clivagens internas à sociedade saamaka deve ser sublinhada, ainda que em nada destitua a obra de relevância e legitimidade.

Assim como as *Mitológicas* de Lévi-Strauss constituem um "mito da mitologia", *Fesiten* pode ser lido como uma meta-história saamaka que acrescenta nova transformação ao conjunto das narrativas trabalhadas. Tal transformação traz um salto qualitativo, por vir de um estrangeiro branco, ser impressa, recorrer a documentos, não ser secreta. Diferente dos mitos, porém, as narrativas aqui têm linearidade histórica e tanto o autor quanto seus informantes defendem – de maneiras distintas – haver referentes últimos para os relatos, verdades sobre episódios do passado. "O que realmente se passou?" é questão recorrente no livro, e Price pesa versões orais e escri-

tas a fim de apresentar um julgamento sobre aquilo que parece mais plausível. Em alguns momentos, toma partido da versão documental (:97-8); em outros, das saamaka (:174), em outros ainda, posições intermediárias. Num ponto crucial – quando busca descobrir quem teria atacado uma comissão colonial que veio ao Alto Suriname negociar com os saamaka em 1750, postergando em 12 anos a paz definitiva – Price muda de ideia em relação a 1983. A adição de uma fala do *obiama* Tooy, coletada em 2003, faz o autor rever seu veredito, deixando agora a autoria dos ataques em aberto (:184-5). A história de Price, assim como a dos saamaka e todas mais estão em constante construção.

A versão *de* história aqui é factual, o que levou críticas a serem tecidas a Price nas últimas décadas acerca de seu "verificacionismo". Compreendo que, confirmando as narrativas saamaka via comparações com documentos, Price legitima-as e contribui para as lutas deste povo, mas resta o problema de como tratar simetricamente narrativas que *não* são confirmadas pelos arquivos ou que são diretamente desautorizadas por fontes escritas.

São as intervenções de Tooy que trazem tal questão de maneira mais clara na nova edição. Talvez por ser *obiama* antes de historiador, suas falas são mais esotéricas, convolutas, com mais referências a elementos sobrenaturais do que as de outros narradores. Mesmo assim, não é abordada aqui a incômoda questão da interferência do sobrenatural na construção do passado factual saamaka – através de narrativas reveladas em possessões – com a qual Price só foi se haver em *Travels with Tooy*, 25 anos depois de *First-time*. O livro de 2008 trouxe ruídos para aquilo que parecia, em 1983, ser uma historicidade plenamente comensurável com a moderna, ruídos que trazem novas dimensões

ao problema da verdade e do verificacionismo. Mas talvez não seja mesmo o lugar de abordá-los, afinal, este livro é para os saamaka e entre eles a existência de espíritos ancestrais é uma das verdades mais elementares; que fantasmas falem sobre seu passado é completamente natural, esperado. Se os arquivos coloniais holandeses não concordam com isso, pior para os arquivos.

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p474>

SAHLINS, Marshall. 2013. *What kinship is... and is not*. Chicago: The University of Chicago Press. 120 pp.

Thiago Niemeyer

Bolsista de pós-doutorado, PPGCS/UFRRJ

O parentesco é um dos temas fundantes da Antropologia: desde Morgan e seus *Sistemas de afinidade e consanguinidade na família humana*, de 1871, muita tinta correu na análise de dados etnográficos sobre grupos corporados, sistemas de linhagens, regras matrimoniais ou metades exogâmicas. Com a publicação das *Estruturas elementares do parentesco*, de Lévi-Strauss, em 1949, o fenômeno seria alçado à condição de denominador comum da existência humana, e o debate ficaria marcado pela oposição entre teóricos da "aliança", que subscreviam à formulação lévi-straussiana, e da "descendência" que, mais alinhados com a "Antropologia Social" britânica, viam na filiação a ancestrais comuns o elemento constitutivo dos "laços de parentesco". Não seria exagero afirmar que o parentesco não é apenas parte do "ato inaugural" da Antropologia, mas possivelmente o terreno onde esta se sente mais à vontade em dar a palavra final.

Nas últimas décadas, no entanto, a popularidade dos estudos sobre o tema

caiu consideravelmente. As formulações de David Schneider, motivadas por seu estudo do parentesco americano e apresentadas em sua famosa *Crítica aos estudos do parentesco*, de 1984, representaram uma espécie de ponto de inflexão na longa e ascendente carreira do tema na disciplina: mera projeção das categorias do analista sobre uma realidade exógena, o parentesco era ali rebaixado à condição de artefato do contato entre o "pensamento ocidental" e as sociedades "tradicionais". Já que essa crítica e seus epifenômenos são absolutamente centrais às reflexões de Sahlins, retomarei o ponto adiante.

Cabe, por ora, uma apresentação mais formal do objeto da resenha. *What kinship is... and is not* é a junção do artigo "What kinship is", publicado em duas partes no *Journal of the Royal Anthropological Institute*, com uma segunda parte, providencialmente intitulada "What kinship is not" que, juntamente com prefácio e notas compõem as breves 120 páginas do livro. Nessa peça "frazeriana" (para usar o termo do autor) de referências teóricas e relatos etnográficos, Sahlins não pretende "atestar empiricamente o que é o parentesco, mas fazer uma exposição do que alego que ele é" (:7). Trata-se, assim, de demonstrar uma ideia ao invés de verificá-la, e é nesse sentido que o material etnográfico adquire um caráter mais "exemplar" do que "comprobatório".

Utilizando a expressão de Janet Carsten, Sahlins nota que parentes são "in-trínsecos" uns aos outros: sofrendo suas dores e compartilhando suas alegrias, evidenciam que "se o ser é mútuo, a experiência é mais que individual" e é desse modo que um sistema de parentesco pode ser entendido como um "emaranhado de participações intersubjetivas, fundadas em mutualidades do ser" (:17). Examinando os trabalhos de Bastide e Strathern sobre as noções de pessoa africana e